

# MOMENTO

## Beira Baixa

ARTES E LETRAS

UMA entrevista ao «Diário Ilustrado» afirmava José Cardoso Pires: — «O Render dos Heróis» é uma narrativa dramática, um auto narrativo (no sentido vicentino) pela construção e talvez pelo acento *exemplar* ou de parábola com o que é contado».

No frontespício do livro, sob o título, escreve: — «narrativa dramática em três partes e uma apoteose grotesca». — Em outro ponto da entrevista citada, esclarecia: — «Embora se situe num am-

### A PROPOSITO DE «O Render dos Heróis» de José Cardoso Pires

ambiente histórico definido e recorra a personagens reais, «O Render dos Heróis» não é uma narrativa histórica. Aconteceu apenas que me pareceu encontrar no clima nacional de 1846, e nos sucessos desse tempo, um ambiente psicológico adequado à parábola dos heróis sem estandarte que é, afinal, o que pretendi descrever. Obedeci, evidentemente, às linhas fundamentais dos acontecimentos, sem as desviar do seu triste significado. Foi até daí que eu parti — do significado de uma aventura desesperada, sem estandartes, ou seja, sem ideal superiormente organizado. Sairam assim os heróis do acaso ou, se quiserem, os heróis traídos, deste meu livro. A conjura moral e psicológica que os derrotou interessou-me muito mais do que a evolução dos acontecimentos em si mesmos. A realidade tornou-se grotesca e por isso não hesitei em encerrar a tragédia com uma apoteose das injustiças, inspirada directamente em caricaturas da épo-

ca». — E diz mais ainda: — «Trabalhei neste livro três anos. E ao cabo deste tempo, há pelo menos uma coisa que continua em mim: — a convicção de que a melhor maneira de contar o assunto

do «Render dos Heróis» ainda foi aquela que escolhi. A parada dos mitos heróicos (que foi tudo o que eu quis

POR JOSÉ DE MELO

descrever neste caso) figurou-se-me desde princípio com determinado colorido. Isso impôs à narração um tratamento *espectacular*. Espectacular, de *espectáculo*. (Continua na terceira página)

MOMENTO, agradece todas as referências e palavras de incitamento, que lhe foram dirigidas quando do aparecimento do seu primeiro número.

### UMA COLEÇÃO DE POESIA EDITADA NA COVILHÃ PEDRAS BRANCAS

E. M. de Melo e Castro, nasceu em 1932 na Covilhã. Cursou medicina na Faculdade de Lisboa, que abandona por falta de vocação. Mais tarde vai estudar para Inglaterra (Bradford), onde tira o diploma de técnico têxtil. E' actualmente professor do Ensino Técnico.



Publicou Sismo (1952); Salmos (1953); Ignorância da Alma (1956) e Entre o Som e o Sul (1960).

Juntamente com Maria Alberta Menêres, organiza em 1959 a Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, de que se está preparando uma 2.ª edição profundamente remodelada e actualizada.

Colaboração dispersa pelas revistas Cadernos do Meio Dia, Bandarra (nova série), Sibila, Horizonte e em várias páginas literárias (Diário de Notícias, Jornal do Fundão, etc.).

A notícia chegou-nos como chegam todas as outras. Nem em tom de confiança, nem surpresa da nossa parte. Para sermos sinceros, apenas o desejo de que

ela fosse verdadeira e se concretizasse o mais breve possível.

Alguns dias depois, encontramos Melo e Castro, o poeta (Continua na segunda página)

2  
2-5-6

DIRECÇÃO DE:  
**José Correia Tavares**

\*

COLABORAM:

A. T.  
E. M. de Melo e Castro  
Gino Rovida  
Helder Grillo Gouveia  
Jorge Ramos  
José Correia Tavares  
José de Melo  
Manuel de Seabra  
Liberto Cruz  
e  
Tomáz de Figueiredo

### Notícia não-apologética sobre «UM POUCO DIFICILMENTE»

1—Uma das características comuns de uma certa jovem poesia, surgida de há três anos a esta parte, tem sido a persistente e lúcida percepção de um tempo «sombrio», percepção que, em alguns poetas, se tem transformado em denodada escarpelização.

Guy Cadou, definindo que «la poésie sera toujours l'éloge de la vie dangereuse», concorre, ainda que involuntariamente, para a compreensão do que chamaremos *presença-actuante*. Porque «l'éloge de la vie dangereuse» implica um padrão de acção que não pode limitar-se a uma expressão simplesmente documental e fotográfica.

A presença-actuante será, logo, toda uma acção cuja fisionomia se revele combativa, autónomamente pensante e do seu tempo. E este inicia-se na acção, que o será na medida em que determinada pela *atenção da consciência*. Tentemos, todavia, compreender a consciência como elemento dinâmico, originalmente longínqua da vereda estanque Bem-Mal; uma consciência visceralmente do Homem, pelo Homem e com o Homem.

2—A voz de Fernando Ilharco Morgado (Um Pouco Dificilmente)(1) veio-me revelar um poeta constantemente interessado pelo «amargo tempo este nosso». Mas um poeta que sabe onde está o

gato...: no Homem. Por isso, a sua poética não raro discursiva mas extremamente comunicante e portadora de um facho de es-

POR HELDER GRILLO GOUVEIA

perança, que atinge o seu mais alto diapasão no poema A TOMADA DA CIDADE: —

Novo tempo será, amigos da Poesia!  
Porque na maré subiremos o rio  
da imaginação e dos co- (Continua na quarta página)

### Manuel Ribeiro de Pavia

Em separata da revista VÉRTICE, acaba de aparecer um álbum que inclui 12 desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia, um dos maiores desenhadores portugueses de todos os tempos, falecido à quatro anos em Lisboa.

Por esta oportuna iniciativa, felicitamos a revista de artes e letras Vértice.



HANSI STAËL — Melodia de Lisboa — Litografia

### SIBILA artes e letras

ACABA de aparecer o primeiro número da revista de artes e letras SIBILA, uma nova publicação que começou a ser editada em Castelo Branco. E' seu director o poeta Liberto Cruz, nome dos mais válidos da moderna poesia portuguesa, que em boa hora resolveu concretizar o seu sonho, de dar à nossa cidade, uma revista de Cultura.

Este primeiro número, que estamos certos vai ter larga projecção nos meios intelectuais portugueses, inclui, além de uma carta inédita de Sá Carneiro e de uma separata de Guilherme Casquilho, colabo-

(Continua na terceira página)

# A propósito de "O Render dos Heróis"

(Continuado da primeira página)  
Esta minha história é contada em forma de espectáculo. É uma parada. Deste modo, os capítulos deste livro podem ser realmente *cenas*. E vice-versa. Tanto faz...

Ora, — que peque a *narrativa* ligeiramente quanto a um clímax, a exigir porventura mais atenção para um crescendo *dramático*, — a *parada dos heróis* resultou: na apoteose final encontraremos mesmo muitos *heróis* mais, que não apenas aqueles que pertencem à *narrativa dramática* apresentada. Os ambientes estão sugestivamente recriados. Algumas figuras grotescas são admiravelmente dadas. Maria Ricarda chega a tomar certo acento trágico. A reunião da Junta, a nomeação de P.º Casimiro, a cena de Matamundos e Dr. Silveira na adega, — são de grande poder caricatural, todo o seu grotesco é aproveitado. Bem aproveitadas são a dicacidade popular, o conceituoso aplicado, os versos, tanto os puramente de fundo como aqueles que vêm carregados de sentido. Significativa é a figura do Cego-que-afinal-não-é, como a apresentação da sombra-vulto Maria da Fonte. E, se não nos compete assegurar a viabilidade desta *narrativa dramática* no palco, o certo é que, da leitura, a *parada* resultou uma autêntica parada, com colorido, as figuras resultaram vivas. Por outro lado, mais do que a evolução dos acontecimentos, nos interessaram, como ao autor, outras injunções, estas de ordem psicológica e moral, pelo que conseguiu ele lograr o seu objectivo.

Uma nota porém nos parece indispensável fazer e é a de que se José Cardoso Pires, viajado, lido, não sacrifica ao ídolo de uma temática alheia às nossas realidades, também os motivos os vai buscar à realidade nacional de ontem e hoje. Assim em «Os Caminheiros» assim em «Histórias de

Amor»; assim em «O Anjo Ancorado»; assim em «O Render aos Heróis». E, ou pelo sabor, ou pelo encontro de épocas, não nos foi difícil sentir Arnaldo Gama, por vezes Camilo, por vezes Gil Vicente, nesta narrativa dramática. Aliás, Camilo esteve presente naquela cena da adega, onde nos passou certo sabor das «Novelas do Minho», certa «Brasileira dos Prazins», no recorte das figuras, no pitoresco das situações. Isso mesmo, quanto a nós, é importante: significa que, para José Cardoso Pires, a leitura de Vailland, de Chamson, de Faulkner, de Brecht, não o fez esquecer os nossos valores a nossa tonalidade própria, as nossas constantes psicológicas, os nossos costumes, os nossos motivos, em favor de uma literatura já seriada, insápida, de valores psicológicos tabelados, costumes que nada nos dizem, ideias e princípios que nem bem se nos adaptam e de que se sente o postigo, como em inúmeras obras incaracterísticas que para aí circulam. Isso mesmo nos diz que José Cardoso Pires, olhando para dentro, embora sem desaproveitar as lições dos outros, se consegue, a cada livro que escreve, em obras que não são apenas mais um livro mas que, reflectindo uma pessoal originalidade, — até expressa num estilo enxuto, dicaz por vezes, relativamente policiado mas sem afectação, desempoeirado mesmo e mesmo, por vezes, oral, — reflectem também um cartesiano aferir dos nossos valores, empenhado, construtivo, ainda quando parece servir um jocoso.

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número publicaremos a crítica ao Livro de poemas "No Silêncio do Verbo" de Sá Vieira, bem como numerosa co-